

PROJETO PNRH 2015

Estudo Exploratório para Estratégia de Comunicação

Agosto/2015



Introdução



A QUESTÃO

Estudos indicam que o Brasil é o país com o **maior número absoluto de homicídios por armas de fogo** no mundo.

O panorama se agrava pela acentuada **vitimização** de jovens e negros e por um processo de **naturalização** dos assassinatos no imaginário da população.

O PNRH

O PNRH foi concebido com o propósito de estabelecer uma **estratégia** nova, integrada e mais efetiva de enfrentamento do problema.

Tem por meta obter **20% de redução** no número de homicídios no país, concentrando esforços em 74 municípios que respondem por quase a metade (47%) dos assassinatos em solo brasileiro.

Para isso, fundamenta-se em **6 eixos de atuação**, sendo um deles comunicação.

As diretrizes preveem a construção de um **novo olhar** sobre os homicídios a partir do envolvimento de segmentos influenciadores e do conjunto da população.

A COMUNICAÇÃO

Em princípio, teria a missão central de **reposicionar** os homicídios na mente dos brasileiros, **sensibilizando** a sociedade e criando um ambiente de “**boa vontade**” para que o PNRH seja implementado e desenvolvido com **sucesso**.

Esta **pesquisa** foi realizada com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de estratégias, conceitos, ideias criativas e linguagens para a campanha.

Para isso, combinaria **inovação** em abordagens, **integração** de formas, recursos e canais de relacionamento, e **pactuação** com múltiplos segmentos de público.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Investigar o imaginário dos cidadãos brasileiros quanto à questão dos homicídios, buscando em especial...

Compreender significados, valores e simbolismos associados aos assassinatos.

Mapear o território ocupado por assassinatos no contexto geral da violência.

Examinar vivências e visões sobre atual situação dos homicídios no país.

Analisar como os cidadãos concebem a sua relação com o tema e o seu próprio papel no enfrentamento do problema.

Identificar possíveis caminhos estratégicos e conceituais para a comunicação.

METODOLOGIA E TÉCNICAS

Investigação conduzida com base em METODOLOGIA QUALITATIVA, utilizando duas TÉCNICAS DISTINTAS, de acordo com perfil dos públicos:

DISCUSSÕES EM GRUPO

**POPULAÇÃO EM GERAL:
CIDADÃOS BRASILEIROS**

ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

**SEGMENTOS ESPECÍFICOS:
AGENTES DE SEGURANÇA
E INFLUENCIADORES**

POPULAÇÃO: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Realização de
um total de **34**
discussões em
minigrupos

Homens e mulheres

Entre 18 e 50 anos

Classes sociais ABC (Critério Brasil)

Inseridos na PEA ou no sistema de ensino

**Com escolaridade mínima em nível de curso
fundamental incompleto**

Sem empregos no setor público

Sem vínculos com partidos políticos

**Sem ocupações diretamente relacionadas
à área de segurança pública ou privada**

No mínimo, 1/3 da raça negra

POPULAÇÃO: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

2 MINIGRUPOS EM 8 CAPITALS
3 MINIGRUPOS EM SP e RJ
TOTAL = 22

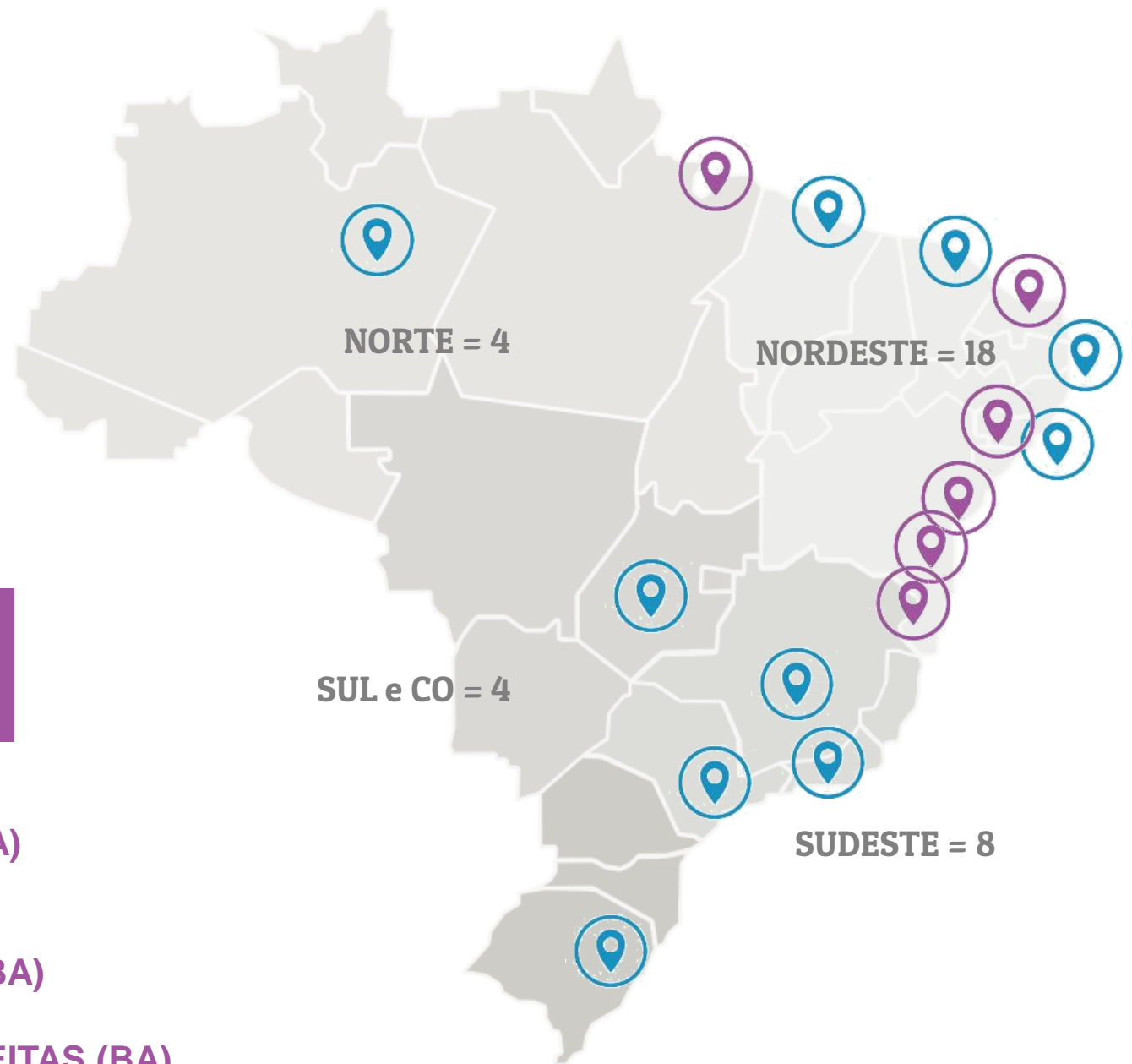
10 CAPITALS

MANAUS
SÃO LUÍS
FORTALEZA
JOÃO PESSOA
MACEIÓ
GOIÂNIA
BELO HORIZONTE
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
PORTO ALEGRE

2 MINIGRUPOS
EM CADA CIDADE
TOTAL = 12

6 MUNICÍPIOS

ANANINDEUA (PA)
MOSSORÓ (RN)
ARAPIRACA (AL)
SIMÕES FILHO (BA)
ITABUNA (BA)
TEIXEIRA DE FREITAS (BA)



POPULAÇÃO: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

NORTE	No DMG	SEXO	IDADE	CLASSE
Manaus	1	Homens	18-24	A2B1
	1	Mulheres	30-50	C2
Ananindeua	1	Mulheres	18-24	C2
	1	Homens	30-50	B2C1

SUL E CO	No DMG	SEXO	IDADE	CLASSE
Porto Alegre	1	Mulheres	18-24	A2B1
	1	Homens	30-50	C2
Goiânia	1	Homens	18-24	C2
	1	Mulheres	30-50	B2C1

SUDESTE	No DMG	SEXO	IDADE	CLASSE
Belo Horizonte	1	Homens	18-24	C2
	1	Mulheres	30-50	B2C1
São Paulo	1	Homens	18-24	A2B1
	1	Mulheres	30-50	B2C1
	1	Homens	30-50	C2
Rio de Janeiro	1	Mulheres	18-24	B2C1
	1	Homens	30-50	A2B1
	1	Mulheres	30-50	C2

POPULAÇÃO: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

NORDESTE	No DMG	SEXO	IDADE	CLASSE
São Luís	1	Homens	18-24	C2
	1	Mulheres	30-50	A2B1
Fortaleza	1	Homens	18-24	A2B1
	1	Mulheres	30-50	C2
João Pessoa	1	Mulheres	18-24	B2C1
	1	Homens	30-50	C2
Maceió	1	Mulheres	18-24	C2
	1	Homens	30-50	B2C1
Arapiraca	1	Homens	18-24	C2
	1	Mulheres	30-50	A2B1
Mossoró	1	Mulheres	30-50	C2
	1	Homens	18-24	B2C1
Simões Filho	1	Homens	30-50	C2
	1	Mulheres	18-24	B2C1
Itabuna	1	Mulheres	18-24	A2B1
	1	Homens	30-50	C2
Teixeira de Freitas	1	Homens	18-24	C2
	1	Mulheres	30-50	B2C1

POPULAÇÃO: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

DISTRIBUIÇÃO DOS MINIGRUPOS

REGIÃO	SEXO		IDADE		CLASSE		
	HOMENS	MULHERES	18-24	30-50	A2B1	B2C1	C2
NORTE	2	2	2	2	1	1	2
SUL	1	1	1	1	1	-	1
CENTRO- OESTE	1	1	1	1	-	1	1
SUDESTE	4	4	4	4	2	3	3
NORDESTE	9	9	9	9	4	5	9
TOTAL	17	17	17	17	8	10	16

MUNICÍPIOS	SEXO		IDADE		CLASSE		
	HOM.	MUL.	18-24	30-50	A2B1	B2C1	C2
CAPITAIS	11	11	11	11	6	6	10
INTERIOR	6	6	6	6	2	4	6
TOTAL	17	17	17	17	8	10	16

SEGMENTOS: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

Realização de
um total de 30
entrevistas em
profundidade

PÚBLICOS	NORDESTE	SUDESTE	NORTE	CO	SUL	TOTAL
AGENTES DE SEGURANÇA	3	3	1	1	1	9
LÍDERES RELIGIOSOS	3	3	1	1	1	9
PROFESSORES	3	2	1	1	1	8
MOVIMENTOS E COLETIVOS	1	2	-	-	1	4
TOTAL	10	10	3	3	4	30

Agentes de Segurança: integrantes das Polícias Civil e Militar (indicações MJ)

Líderes Religiosos: integrantes de igrejas católicas e evangélicas

Professores: docentes de cursos do ensino médio em escolas da rede pública

Movimentos e Coletivos: ONGs com atuação junto aos jovens de comunidades



PARTE I

Diagnóstico





Homicídios no Imaginário Coletivo

A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

Violência doméstica

Violência contra animais

Violência contra crianças e idosos

Brigas entre torcidas

Estupro

Assalto, furto e roubo

Sequestro

Brigas de rua, bar e trânsito

Discriminação social e racial

Violência contra mulher

Intolerância religiosa

Invasão de domicílio

Linchamento

Cobrança de dívidas de usuários de drogas

Violência policial

Homofobia

Crimes passionais ou na família

Briga entre traficantes

Briga entre traficantes e polícia

HOMICÍDIO NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA

ASSASSINATO

**Não é percebido como
problema em si mesmo**

Está “embutido” ou é resultado das várias formas de violência.

**Não é visto como
problema mais grave**

Perde ou empata com crimes contra honra, patrimônio e “indefesos”: estupro, abuso sexual, maus-tratos, latrocínio.

AS DUAS FACES DO HOMICÍDIO

**ASSASSINATOS NO MUNDO
DOS “CIDADÃOS DE BEM”**

**ASSASSINATOS NO MUNDO
DA “CRIMINALIDADE”**

PERCEPÇÃO CONSENSUAL

OS HOMICÍDIOS REALIZADOS EM DECORRÊNCIA E EM TORNO DA “INDÚSTRIA DAS DROGAS” SÃO OS MAIS NUMEROSOS, DOMINANTES E “EPIDÊMICOS”.

OS CIDADÃOS ESTIMAM QUE RESPONDEM POR “MAIS DE 50%” A “MAIS DE 90%” DE TODOS OS ASSASSINATOS COMETIDOS NOS MUNICÍPIOS EM QUE VIVEM.

REALIDADES DIFERENTES, MAS “NACIONALIZAÇÃO DO MAL”

São Luis

PCM x Bonde dos 40
Linchamentos

Mossoró

Crescimento e violência
“Hora do assalto”

Simões Filho

Domínio dos traficantes
Falta de acesso ao espaço urbano e serviços públicos

João Pessoa

Al Qaeda x Estados Unidos
Briga em escolas e torcidas

Itabuna

Raio A x Raio B
Tráfico e domínio territorial

Maceió e Arapiraca

Tráfico e política
Matadores de aluguel
Grupos de extermínio

Manaus

PCC x Família do Norte
38 mortes no fim de semana

Ananindeua

Domínio do crime
Grupos de extermínio
“Hora da encolha”
Corpos empilhados

Rio de Janeiro

Unidades não pacificadoras
“Moda da facada”
5 poderes: facções do tráfico, polícia e milícia

São Paulo

PCC: “modelo de negócios”
Tráfico e latrocínio

Belo Horizonte

Tráfico e violência doméstica

Porto Alegre + Goiânia

Briga entre traficantes
Pulverização: crime não tão organizado



HOMICÍDIO: ENTRE O REAL E O PERCEPTUAL

VOZ UNÂNIME

CONSIDERANDO QUE A MAIORIA DOS ASSASSINATOS TEM CONEXÃO COM O “MUNDO DA CRIMINALIDADE”, NÃO É POSSÍVEL PENSAR EM REDUÇÃO DE HOMICÍDIOS ATUANDO SOMENTE NA ESFERA DOS “CIDADÃOS DE BEM”.

TODA E QUALQUER REDUÇÃO EFETIVA PRESSUPÕE ENFRAQUECER OPERAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, ALICIAMENTO E ALASTRAMENTO DA “INDÚSTRIA DAS DROGAS” - TAREFAS QUE SE COLOCAM MUITO ALÉM DAS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO.



A vida em meio à barbárie



RELATOS SELVAGENS

Eu sou vítima da violência urbana. Fui atacada, ataque de estupro, na parada de ônibus. Fiquei desfigurada, passei mais de um mês dentro do hospital. Depois descobriram que ele matou 7 meninas em 6 meses. (Manaus, feminino, 30-50, C2)

Tem a rixa de bandido e policial. Mataram um cara da ROTAM. E a polícia, quando mata um deles, ela enlouquece. Juntaram todas as viaturas e Ananindeua viveu um terror! Os policiais invadiram os bairros. E saíram matando todo mundo, até crianças. Mandavam ordem que era pra ficar dentro de casa a partir das 6 horas da noite. Todos os bairros já ficavam com medo. Mataram mais de 40. Isso porque o policial tinha matado o traficante, os amigos do traficante mataram ele e assim foi. Várias pessoas inocentes foram no meio. Eles seguravam, cercavam e matavam todo mundo. Nem perguntavam se a pessoa era ou se não era. Saíam matando. (Ananindeua, feminino, 18-24, C2)



RELATOS SELVAGENS

Sofri um assalto. Um menor de idade. Eu dei um soco nele e ele caiu no chão. O parceiro dele estava armado e eu não tinha visto. Ele me deu um tiro de raspão na testa e dois aqui. Eu tive a traqueia esbagaçada, o pulmão perfurado. Atiram no que tem pela frente. (Manaus, DG1, masculino, 18-24, A2B1)

Recentemente teve um tiroteio, vários assassinatos aqui na cidade. Todos que morreram eram bandidos, assaltantes de bancos. Não sei se é verídico, mas cheguei a ouvir gente falando que alguns comerciantes se juntaram e fizeram isso. Disseram que os bandidos que fossem pegos iam ser executados e foi o que aconteceu, uma sequência de assassinatos. Praticamente todos os dias, durante duas semanas. (Arapiraca, feminino, 30-50, A2B1)



RELATOS SELVAGENS

Muitos se envolvem com drogas, dívidas com traficantes. Aí, eles não conseguem achar a pessoa certa e matam a família. É a forma de atingir. Sabe que eles vão voltar pra ver o pai que morreu. Quando ele aparece, o cara tenta matar ele de novo. E assim vai. (João Pessoa, feminino, 18-24, B2C1)

Tem uma cadeirante que arruma roupa, tem o ateliezinho dela. Pois, o cara entrou, bateu nela, bateu, bateu, porque ela estava com o celular dentro do sutiã e não tinha outra coisa pra ele levar. Derrubou ela da cadeira, arrastou pelos cabelos, bateu até sangrar. Aí, do lado tem um barzinho, o dono do bar pegou esse rapaz de bico, mas essa criatura apanhou, viu? Quando os policiais chegaram, disseram : Ah, pensei que vocês iam entregar esse delinquente aí já morto. Por que não fizeram isso? Ele vai pra delegacia e vai sair em meia hora. (São Luis, feminino, 30-50, A2B1)

RELATOS SELVAGENS

No mês passado, ali próximo de Macaxeira, os maloqueiros não deixaram a população descer do coletivo. O pessoal todo teve que correr, quebrar janela. Só porque a polícia proibiu a visita em presídios. Aí, eles tocaram fogo nos ônibus com gente dentro. (Maceió, masculino, 30-50, B2C1)

Quando os ladrões veem o pessoal no ponto, vai lá e rouba. O mês passado mesmo eles pararam o ônibus de escopeta, roubaram todo mundo e depois foram embora. Todo dia é isso. Todo dia roubam os mesmos, no mesmo ponto. Quem não fica com medo? (Simões Filho, feminino, 18-24, B2C1)

Entraram uns caras na casa do meu pai, estava lá minha prima, sobrinha dele. Meu pai falou: pode levar tudo. Aí, os caras: ela é o que sua? Aí, meu pai ficou com medo de dizer que era parente e pegarem de refém, disse: é minha amiga. Aí, o cara: quero que os dois façam relação sexual na minha frente. E foi. (Simões Filho, feminino, 18-24, B2C1)

RELATOS SELVAGENS

Eu perdi três irmãos assassinados. Meu primeiro irmão era envolvido com o pessoal do tráfico. Aí, viu um dizendo que tinha roubado e quase matado o senhorzinho do pão, que era o meu pai. Aí, meu irmão matou o cara e os amigos do cara mataram ele. Aí, meu outro irmão foi vingar a morte desse que tinha morrido e acabou morrendo. Aí, o outro se revoltou e foi também. Minha mãe diz que foi melhor assim. Porque assim outras mães não vão ter que passar pela mesma dor que ela. (Simões Filho, feminino, 18-24, B2C1)

Eu fui assaltado por 3 marginais, entraram na casa, todo mundo foi amarrado e eu fui espancado, pisado na cabeça. Fizeram roleta russa comigo. Diziam: sabe o que é isso aqui? Três oitão desse tamanho e bala na minha cara. Minhas filhas vendo tudo. Aí, quando saíram, meu irmão trocou tiro com eles lá do lado de fora. Hoje, eles já estão tudo morto. (Itabuna, masculino, 30-50, C2)



Homicídios e suas raízes



OS OVOS DA SERPENTE

Para os brasileiros, as raízes dos homicídios são complexas, mas tendem a se concentrar em cinco principais dimensões.

HOMICÍDIOS

FAMÍLIA

**CONSUMISMO
E DESIGUALDADE**

**AUSÊNCIA
DO ESTADO**

MÍDIA

**SISTEMA
DE JUSTIÇA**

FAMÍLIA

No discurso, drogas e violência como consequências da “falta de base familiar”

Na prática, não uma questão de “estrutura” na concepção tradicional ou religiosa

Na realidade, ausência de acompanhamento e vivência de abandono



Mais grave do que isso, um vácuo de relacionamento, referenciais e valores

Não simplesmente “falta de educação e de limites” ou “opção pela transgressão”

Sobretudo falta de parâmetros do que é certo ou errado – geração após geração

MÍDIA

“Refeições regadas a sangue”: um hábito
pervasivo, cotidiano, incorporado

A barbárie compartilhada como “cortesia”
para informação e entretenimento

As frágeis fronteiras entre o real e o virtual,
entre ficção e realidade



Efeitos amplos e profundos: “discursos
monolíticos” e “mentalidades sanguinárias”

Para além da influência, o poder de construção
da realidade e de subjetividades

Em última instância, molda e naturaliza o modo
de conceber violência, homicídios, o trabalho da
polícia, os “menores”, as “vítimas”, os “culpados”...

CONSUMISMO E DESIGUALDADE

A “lógica perversa” do capitalismo que
“empurra” para a indústria da droga

O estímulo ao desejo de ser, ter, pertencer
x a falta de perspectivas e oportunidades

As portas fechadas da sociedade x as
portas abertas e convidativas do tráfico



Para muitos brasileiros, fatores que
existem e exercem influência, mas que
não necessariamente explicam ou justificam:
questão de “criação” ou de “índole”.

SISTEMA DE JUSTIÇA

No imaginário e na vivência dos cidadãos:
“Brasil , o país da impunidade”



A falta de confiança na polícia: mistura entre
“bandidos” e “mocinhos”

A falta de crença na justiça: “prende e solta”,
“vale para uns, não para a maioria”

A falta de eficácia das leis: “umas pegam,
outras não” x “deviam ser mais severas”

A lenda do “salário dos presos” e das
“regalias na prisão”

A falta de esperança no sistema prisional:
pode afastar e punir, mas não recupera

AUSÊNCIA DO ESTADO

Visão de que o poder público não se faz suficientemente presente na vida do cidadão.



Lacunas em suporte: pais não têm condições para dedicar atenção aos filhos

Lacunas em segurança pública: sentimento de desamparo e desproteção

Lacunas em educação: poucas alternativas para “ocupar a mente” dos jovens

Lacunas em emprego: poucas perspectivas no mundo dos “cidadãos de bem”

Lacunas em saúde: uma forma de violência e “atentado contra a vida”

Lacunas em valores e referenciais: um país historicamente “imerso” em corrupção



A desumanização do humano

FEIOS, SUJOS E MALVADOS

O ato de tirar uma vida humana não possui significado único e absoluto, mas sim significado variável e relativo.

DEPENDE DA FORMA

- ▼ “tiro, facada, esquartejamento”
- ▼ “estupro seguido de morte”
- ▼ “roubo seguido de morte”
- ▼ “micro-ondas”...

DEPENDE DO MOTIVO

- ▼ “por vingança”
- ▼ “por dívida de droga”
- ▼ “por covardia”
- ▼ “por legítima defesa”...

DEPENDE DA VÍTIMA

- ▼ “inocentes” x “culpados”
- ▼ “cidadão de bem” x “bandidos”

O CRUEL, O BANAL E O JUSTIFICADO

Dentro desta lógica de raciocínio, há homicídios que são mais ou menos condenáveis, mais ou menos justificáveis.

O CRUEL

assassinatos com “requintes de crueldade”, mais “cheios de sangue” e que fogem ao “padrão usual” são os mais chocantes, mas também mobilizadores

O JUSTIFICADO

assassinatos de “bandidos” e por “legítima defesa” são tidos como admissíveis

O BANAL

assassinatos cometidos por “motivo banal”, “por nada”, “sem necessidade” são mais revoltantes e fortalecem noção de “banalização dos homicídios”

O SIGNIFICADO DE “LEGÍTIMA DEFESA”

No senso comum, conceito que vai muito além da definição jurídica

Não só “matar para não morrer”, mas para “defender” ou “fazer justiça”

Não pressupõe ameaça imediata, pode ser premeditado ou posterior



São parte desta categoria: assassinatos para proteger patrimônio, em casos de violência contra a família (agressão, estupro), em linchamentos...

O SIGNIFICADO DE “BANDIDO”

Rígida linha imaginária que separa “bandidos” e “cidadãos de bem”

“Bandido” é categoria à parte e à margem: não é “gente como a gente”

Usuário de drogas não necessariamente é “bandido”: há aqueles que são apenas vítimas e não cometem crimes para sustentar o vício

Não obedecer às leis não significa ser “bandido”: todo mundo comete “pequenos desvios” no dia a dia, “faz parte da cultura brasileira”

“Cidadão de bem” que mata não se torna automaticamente “bandido”



Ser “bandido” é ser “mau” – por suposição, desinformação, estereótipo

É quem se imagina ser desprovido de humanidade e, por esta lógica,

alguém que não merece ser visto ou tratado como ser humano

A “JUSTIÇA PRIVADA”

Diante da escalada da violência e da impressão de ausência do Estado, os cidadãos se sentem no direito de fazer justiça com as próprias mãos.



A lógica utilizada para outros serviços públicos se estende à segurança: “se o sistema público não funciona, a única saída é o sistema privado”

Sensação de que os “bandidos” estão em vantagem: são defendidos por organizações de Direitos Humanos e usam armamento livremente

Reflexos: defesa do porte de armas, justificativas para os linchamentos, sentimento íntimo de alívio diante da morte de criminosos (“menos um”)

O HOMICÍDIO COMO “MECANISMO DE JUSTIÇA”

Este mesmo imaginário se traduz em discursos de defesa da pena de morte

Melhor do que atuais “execuções”: haveria julgamento e condenação

Melhor do que “justiça privada”: delegação do direito de matar ao Estado



Argumentos contrários à pena de morte não têm por fundamento princípios

De um lado, o eco religioso: “não matarás”, “uma vida é sempre um vida”

**De outro, a falta de credibilidade na competência do país e do sistema:
“no Brasil, não funcionaria”, “inocentes seriam mortos”, “não seria
aplicada para todos, só os mais fracos e os mais pobres morreriam”.**

EPIDEMIA: SANGUE QUE PRODUZ MEDO QUE PRODUZ SEDE POR SANGUE

Naturalmente, nem todos os cidadãos pensam do mesmo modo.
Mas, prevalece a tônica de uma sociedade acuada, violenta e cruel.

“PURO SANGUE”

**ausência de crítica ou
reflexão: incorporação
de posturas implacáveis**

“DOCES SANGUINÁRIOS”

**reprodução dos discursos
dominantes, mas com
suavizações e ressalvas**

“PECADORES”

**visões relativizadas
por vivências próximas
e tendência de
maior empatia**

“HUMANITÁRIOS”

**parte por “dever
da religião” e parte
por questão de
princípios**

O INFERNO SÃO OS OUTROS

No imaginário dos brasileiros, “somos todos apenas vítimas”.
O cidadão nunca é responsável pelas mazelas da sociedade.



O problema nunca sou eu, são os outros: os outros que não sabem educar os filhos direito, que não têm valores e comportamentos corretos, que são desinformados e preconceituosos, que não têm respeito, que são violentos...

E, no limite, não resta dúvida: *“toda e qualquer culpa é do governo!”*



Homicídios na perspectiva dos segmentos influenciadores

TÔNICA GERAL

Perspectivas distintas, mas diagnósticos convergentes

A investigação junto aos segmentos influenciadores descortina universos particulares de visão, vivência e relacionamento com a questão da violência e dos homicídios.

Porém, todos **confirmam, explicam e enriquecem os resultados obtidos na abordagem do conjunto da população.**

LÍDERES RELIGIOSOS

Igrejas católicas: sinais de distanciamento e baixo engajamento com o tema

Igrejas evangélicas: forte atuação junto às famílias e jovens em vulnerabilidade

Foco em drogas: “propriedade” de mídia e “domínio” em centros de recuperação

“Poder paralelo”: “doutrinador”, não “empoderador”, não plural e não laico

“Na ausência da família, entra o traficante. Na ausência do Estado, entram as igrejas evangélicas.” (Pastor, Manaus)

PROFESSORES

Retratos vívidos, contundentes e graves da realidade de “abandono” dos jovens
Vivências confirmam ausência de referenciais e “esgarçamento do tecido social”
Impotência: famílias “empurram” para escola, mas limitam atuação dos educadores
Principal dificuldade e necessidade: a reeducação e o engajamento dos pais

“É o que eu tento dizer para os pais: o problema é o meio. Se a família não faz sua parte e não deixa a escola fazer a dela, o que sobra é o traficante – que fala a língua do jovem, que acolhe e alicia – no meio do caminho entre a casa e o colégio.” (Professor, João Pessoa)

AGENTES DE SEGURANÇA

Voz unânime: homicídios em torno da indústria das drogas são o grande problema

Sinalização: “franquias” do crime organizado “exportadas” para Norte e Nordeste

Principais dificuldades: estrutura e operação, “local de crime” e “lei do silêncio”

RJ e SP: “modelo integrado” reconhecido como mais pertinente e eficaz

Visão de futuro: “sufocar abastecimento” da indústria do tráfico (armas, veículos)

Contraste: a “face visível” da truculência x a “face invisível” da experiência e lucidez

Mídia: “celebrização” do crime/do bandido e desvalorização do trabalho da polícia

No plano das instituições: ausência de sinalização de prioridade para os homicídios

Ponto nevrálgico: quem de fato mais entende de segurança pública no país?

MOVIMENTOS E COLETIVOS

Retratos da vulnerabilidade: consumismo, abandono, discriminação, exclusão.

Falta de perspectivas e “lugar no mundo”: entre a “boca de fumo” e o McDonalds

Mídia e sociedade: os estereótipos e o “assassinato” de subjetividades

Dificuldade em ver modelos ou “iguais de sucesso” entre “cidadãos de bem”:
o traficante se torna o grande exemplo de “gente como eu que se deu bem”.

Abordagens: formação de identidade, canais de expressão, modelos alternativos,
profissionalização, visão crítica frente à violação de direitos, “empoderamento”.

“A verdade é que, para os jovens em vulnerabilidade, só há hoje três caminhos: o tráfico, a igreja ou os coletivos culturais.”
(Movimentos e Coletivos, SP)



PARTE II

Comunicação



EM BUSCA DE CAMINHOS

1

**CAMPANHA MENTALIDADES
CAMPANHA IDENTIDADES**

2

CAMPANHA DE LANÇAMENTO

3

CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO

OS RESULTADOS DO DIAGNÓSTICO INDICAM QUE A COMUNICAÇÃO APRESENTA IMPORTANTE POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO.

ENTRETANTO, PRECISARÁ ATUAR DENTRO DE LIMITES E TERRITÓRIOS ESPECÍFICOS, COM BASE EM UM PLANO ESTRATÉGICO INTEGRADO, CONTÍNUO E DE LONGO PRAZO.

LIMITES

OS INDÍCIOS APONTAM PARA A EXISTÊNCIA DE BARREIRAS DE CREDIBILIDADE

“Mas, essa campanha que você diz que estão querendo fazer, ela não vai ser do governo, né? Tem que ser de outras pessoas. Porque, se for do governo, não vai funcionar, ninguém vai acreditar.” (Itabuna, homens, 30-50, C2)

**SINALIZAÇÕES COMO
ESTAS INDICAM O
QUE **NÃO** FAZER...**

Campanha Política

Mensagens de Paz e Amor

Explicitação da violência

Campanha Institucional de Governo

CAMINHOS PARA PLANO ESTRATÉGICO

1

CAMPANHA MENTALIDADES
CAMPANHA IDENTIDADES

CAMPANHA
MENTALIDADES

2

CAMPANHA DE LANÇAMENTO

Público-alvo: sociedade (“cidadãos de bem”)

Objetivo: mudança de mentalidade a longo prazo

Abordagem: mensagens que provoquem auto-reflexão

Possível veículo: a relação com os filhos (exemplo do vídeo 2)

3

CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO

CAMINHOS PARA PLANO ESTRATÉGICO

1

CAMPANHA MENTALIDADES
CAMPANHA IDENTIDADES

CAMPANHA
IDENTIDADES

2

CAMPANHA DE LANÇAMENTO

Público-alvo: jovens em vulnerabilidade

Objetivo: legitimação da identidade a curto e médio prazos

Abordagem: mensagens e linguagens que pertençam ao universo deste público

Sugestão: workshops com movimentos e coletivos e jovens em vulnerabilidade para criação conjunta da campanha de comunicação.

3

CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO

CAMINHOS PARA PLANO ESTRATÉGICO

1

CAMPANHA MENTALIDADES
CAMPANHA IDENTIDADES

2

CAMPANHA DE LANÇAMENTO

3

CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO

CAMPANHA DE
LANÇAMENTO

Público-alvo: sociedade (“cidadãos de bem”)

Objetivo: informar sobre existência e seriedade do PNRH

Sugestão: comunicado “utilidade pública” + comunicado na voz dos parceiros

CAMINHOS PARA PLANO ESTRATÉGICO

1

CAMPANHA MENTALIDADES
CAMPANHA IDENTIDADES

2

CAMPANHA DE LANÇAMENTO

3

CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO

CAMPANHA DE
MOBILIZAÇÃO

Público-alvo: sociedade (“cidadãos de bem”)

Objetivo: transmitir sensação de envolvimento de toda a sociedade

Abordagem: congregação de esforços em torno do tema

Sugestão: cada entidade desenvolve ações de comunicação com sua própria linguagem mas em linha com as diretrizes do PNRH

ASPECTO RELEVANTES PARA CONSTRUÇÃO DE COMPROMISSO DO PACTO

MÍDIA

Parceria com organizações como ONU, Anistia Internacional, OAB, etc. para trabalho na área de violação de direitos.

Parceria com empresários e anunciantes para que atuem como “negociadores” e “multiplicadores” junto aos meios de comunicação.

Inserir violência e assassinato como objeto dos programas específicos do MEC.

Instrumentalizar escolas e educadores para ampliar o engajamento dos pais na educação dos filhos visando reduzir vulnerabilidade e conscientizar sobre os temas.

PROFESSORES

ASPECTO RELEVANTES PARA CONSTRUÇÃO DE COMPROMISSO DO PACTO

AGENTES DE SEGURANÇA

Acenar com valorização do trabalho policial
Sinalizar prioridade dos homicídios no plano das instituições.
Cautela com abordagem por parte de “especialistas em segurança”.

Não recomendada especial atenção à atuação das religiões.
Fortalecer a ação do Estado em prevenção e recuperação do uso de drogas.

LÍDERES RELIGIOSOS

MOVIMENTOS E COLETIVOS

Esfera de atuação vital e determinante para o bom desempenho do projeto.
Para além do trabalho de legitimar, resgatar e abrir perspectivas para os jovens, podem atuar como “multiplicadores” do movimento de reflexão e mobilização.



oma
PESQUISA

Ana Lucia Miranda
ana@omapesquisa.com.br